criança e do brincar – São Paulo, Ed. Pioneiras, 1998.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de – Educação Infantil: fundamentos e métodos – São Paulo, Ed. Cortez, 2005.

Orientações Curriculares: Expectativas de Aprendizagens e Orientações, Brasília, Programa de Orientações, 2007.

SANTOS, S. M. P. – Sucata vira brinquedo – Porto Alegre, Ed. Artmed, 1995.

VYGOTSKY, Levi – Psicologia da Arte – São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1998.

WAJSKOP, Gisela – Brincar na pré-escola – São Paulo, Ed. Cortez, 1995.

WINNICOTT, D. W. – O brincar e a realidade – Rio de Janeiro, Ed. Imagem, 1975.

PIAGET, Jean. A FORMAÇÃO DO SIMBOLO NA CRIANÇA. Rio De Janeiro: Zahar, 1975.

VYGOTSKY, L,S . A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE. São Paulo: Martins fontes, 1994.

TRABALHO PEDAGÓGICO DOS JOGOS COOPERATIVOS NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA CURRICULAR PARA AS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE SÃO PAULO

PETTERSON STERN

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de explorar os Jogos Cooperativos como possibilidade de implementação no currículo de Educação Física no Ensino Médio. Discutindo e avaliando a competição e a cooperação nas aulas por meio dos jogos, e suas contribuições para os educandos no decorrer de suas vidas.

Para tanto, foram realizadas pesquisas com educadores da disciplina de Educação Física, e com educandos que já participaram das atividades com Jogos Cooperativos e educandos que ainda não participaram, buscando evidenciar quantitativa e qualitativamente os benefícios destas atividades e sua importância no currículo escolar.

Assim, observou-se que os Jogos Cooperativos podem e devem fazer parte das aulas de Educação Física, pois se mostram ferramentas eficientes para a transmissão de valores de muita relevância para os adolescentes e como uma forma prazerosa e diversificada de praticar e inovar as atividades já tão conhecidas nas aulas como, por exemplo, o futebol e outras práticas esportivas.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Jogos Cooperativos; Currículo de Educação Física.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda o trabalho pedagógico com o uso dos Jogos Cooperativos para o Ensino Médio, como uma proposta de implementação curricular na disciplina de Educação Física em Escolas da Rede Pública do Estado de São Paulo.

Visto que estas escolas, em sua maioria, não possuem o trabalho com a modalidade de Jogos Cooperativos, enquanto prática educativa visando o desenvolvimento da cidadania assim como a autoestima e solidariedade dos educandos, a monografia propõe a implantação desta prática.

Tendo em vista estas questões esta pesquisa buscará analisar as atividades cooperativas apresentadas por diversos pedagogos como uma proposta de trabalho educacional a ser implementado no currículo da disciplina de Educação Física no Ensino Médio, visto que o jogo cooperativo no nesta fase escolar torna-se importante para a formação cidadã do sujeito, com múltiplos benefícios na vida em sociedade, assim como, uma proposta de trabalho curricular integrada à ação protagonista e social dos educandos.

O objetivo desta pesquisa é apresentar a relevância dos Jogos Cooperativos enquanto prática pedagógica escolar, e propor a sua inclusão como conteúdo na disciplina de Educação Física no Ensino Médio. Desta maneira, há necessidade de conceituar e diferenciar Jogos Cooperativos de jogos competitivos no trabalho pedagógico; Apresentar a importância dos Jogos Cooperativos no Ensino Médio como uma proposta curricular nas escolas públicas estaduais de São Paulo; Analisar os benefícios dos Jogos Cooperativos na formação dos educandos; Aplicar estratégias de Jogos Cooperativos no Ensino Médio, como proposta de ensino na disciplina de Educação Física.

Os Jogos Cooperativos, de forma lúdica e prazerosa, buscam resgatar a sensibilização do ser humano para a importância de cooperar, enfatizando os benefícios que isso traz por se viver na sociedade capitalista demasiadamente competitiva. Conforme ORLICK “o objetivo primordial dos jogos cooperativos é criar oportunidades para o aprendizado cooperativo e a interação cooperativa prazerosa" (ORLICK, 1989, p.123). De forma harmoniosa e humana, estes jogos mostram que podemos conquistar nosso espaço nesta sociedade não só competindo, mas também

cooperando e ajudando uns aos outros de forma pacífica e humanizada.

O ser humano durante a sua evolução passa por vários estágios maturacionais até chegar a sua vida adulta, na qual definirá suas aptidões, características e personalidade. Um destes estágios é a adolescência, uma parte do processo evolutivo em que o indivíduo passa por diversas alterações morfológicas, físicas e psicológicas intensas. Neste processo torna-se importante para este ser, a diferença entre competir e cooperar e a importância de ser viver em sociedade de forma pacífica, harmoniosa e cooperativa.

Com todos os estudos já realizados sobre os benefícios dos Jogos Cooperativos, seria proveitoso adequá-los e implantá-los nos conteúdos programáticos, de acordo com a proposta curricular da Educação Física do Ensino Médio, elaborada pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (SEE), para as escolas públicas do estado de São Paulo. Neste currículo elaborado pela SEE para o Ensino Médio, as escolas não possuem os Jogos Cooperativos como componente da sua grade curricular em Educação Física.

1. EDUCAÇÃO FÍSICA COMPETIR E COOPERAR

Segundo o dicionário AURÉLIO (2003) cooperar é: operar ou obrar simultaneamente (colaborar, ajudar, auxiliar...).

ORLICK (1982) afirma que a natureza não é uma guerra entre um organismo contra os outros, mas é uma aliança baseada na cooperação.

Nesta mesma linha de raciocínio BROTTO (1997) afirma que os Jogos Cooperativos visam à comunicação de quem eu sou, com aquele que você é, para encontrar quem nós somos.

Para ORLICK (apud BROTO 1997), a diferença entre Jogos Cooperativos e competitivos é que naqueles todos cooperam e todos ganham, e neste não. Tais jogos eliminam o medo do fracasso e o sentimento de fracasso. Eles também reforçam a confiança em si mesmo, como uma pessoa digna de valor. Na maioria dos jogos este reforço é deixado ao acaso, ou concebido apenas a um vencedor. Nos Jogos Cooperativos a confiança está embutida nos próprios jogos.

Já a competição nada mais é que dois indivíduos buscando um mesmo objetivo, mas apenas um deles ou um mesmo grupo poderá alcançá-lo. Enquanto na cooperação os dois indivíduos se satisfariam igualmente.

BROTTO (1997) define também a competição como sendo um processo no qual os objetivos são comuns, mutuamente exclusivos e as ações são benéficas somente para alguns.

DARWIN (apud ORLICK, 1989) afirmou que, para a espécie humana, o valor mais alto de sobrevivência está na inteligência, no senso moral e na cooperação social.

O nosso corpo é exemplo de cooperação mútua, pois somente por meio da cooperação de todas as células e órgãos, conseguimos nos desenvolver. Todos eles visam um mesmo objetivo, e assim juntos se adaptam e cooperam.

Estamos tão confusos com quem nós somos que estamos em busca do que queremos ser, sem saber na verdade se realmente isso nos fará feliz. Com isso buscamos tudo aquilo que nos traga algum reconhecimento, e na maioria das vezes querendo ser "maior" que o outro, nos esquecendo que para isso alguém precisará ser "menor", pelos menos em nossa psique. Para que alguém vença alguém precisa perder. Mas por que este eterno conflito em ser quem não somos? Por que esta constante disputa com o outro para provar quem é melhor? Uma vez que cada um é único em sua essência, sendo que cada um possui sua diversidade, trazendo sua bagagem cultural, social e biológica.

Estamos competindo uns com os outros numa competição injusta, pois não há como comparar duas pessoas que são diferentes. Assim ainda fica a pergunta por que competimos tanto?

Além desta constante disputa com os outros, estamos em constante disputa conosco, sempre nos cobrando, sempre querendo mais, sempre nos exigindo e até nos punindo quando não alcançamos aquilo que queremos.

Para TOLLE (2007) a cobiça, o egoísmo, a exploração, a crueldade e a violência ainda são dominantes em todas as partes do mundo, e quando não reconhecemos esses elementos como manifestações individuais e coletivas de um distúrbio básico ou de uma doença mental, caímos no erro de personalizá-los.

Segundo EINSTEIN (apud BROTO 1997) "o ser humano é uma parte do todo chamado "Universo", uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele percebe a si próprio, seus pensamentos e sentimentos como algo separado do resto, uma espécie de ilusão da consciência. Essa ilusão é para nós como uma espécie de prisão que nos restringe aos nossos desejos e ao afeto por poucas pessoas próximas a nós. Nossa tarefa é nos libertar dessa prisão, ampliando nossa esfera de amor para envolver todos os seres vivos e a Natureza em toda sua beleza".

Há um principio de unidade, de interdependência entre todos os seres e tudo o que existe. Tudo que existe é divino e tem seu lugar na terra, já dizia os sábios da antiguidade.

Este princípio de unidade é o princípio do Tao, conforme OSHO "o Tao é o objetivo, ou seja, criar um ser humano que seja inteiramente integrado, e também criar uma sociedade humana que seja totalmente inte-

grada" (OSHO, 2005, p.35).

Talvez nos permitindo expressar quem somos sem medo do que as outras pessoas irão pensar, seja um modo das coisas começarem a voltar para seus lugares e a harmonia voltar a nós e para nós.

Cada pessoa tem seu potencial que complementa os de outras, e juntos formam um todo com um potencial muito maior. Se por meio da competição as pessoas se provam e mostram tanto seus potenciais, imaginem se houvesse a união de todas estas forças para um objetivo em comum.

Na natureza, não há competição. Você não vê uma tartaruga querendo ser um leão e nem um leão querendo ser um elefante. A natureza nos ensina que cada um é de um jeito e que isto não é errado, sermos naturais é nossa natureza e real caminho. Seguindo sua natureza e se aceitando como é, desenvolvendo seus potenciais e cooperando com os demais e sendo auxiliado por eles, haveria necessidade de competir? Haveria necessidade de competição caso não houvesse um padrão social de como as pessoas devem ser e se portarem? Haveria necessidade de competir se cada um souber utilizar seus potenciais em auxilio do próximo e for humilde para receber? Haveria tantos conflitos em querer ser e ter se cada um soubesse seus verdadeiros caminhos a percorrer?

No câncer, por exemplo, as células cancerosas cuidam apenas de si, alimentando-se das partes de seu hospedeiro, até efetivamente mata-lo. Porém também morrem, uma vez que as células cancerosas não sobrevivem fora do corpo em que iniciou seu desenvolvimento.

Será que é este caminho que a sociedade em geral esta tomando?

Segundo YOZO "O excesso de responsabilidade e o ritmo estressante para cumprir os compromissos do dia a dia fazem com que as pessoas busquem o prazer por meio dos Jogos" (YOZO, 1996, p12)

2. JOGOS E JOGOS COOPERATIVOS

O jogo hoje é considerado pela maioria dos filósofos, sociólogos, etnólogos, antropólogos e professores de Educação Física como uma atividade que contém em si mesma o objetivo de decifrar os enigmas da vida e de construir momentos de prazer.

Sendo assim, HUIZINGA (1996) expressa à noção do jogo como uma atividade ou ocupação voluntária, exercida de acordo com determinados limites e regras, dotadas de um fim em si mesmas, acompanhadas de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana. Esta alegria é a finalidade do jogo transformando-se em uma ferramenta para o ensinoaprendizagem de modo prazeroso, o que possibilita sua constância. Ainda pelo mesmo autor poderíamos considerá-lo uma atividade livre conscientemente tomada e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo, capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. Sendo uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, segundo certa ordem e certas regras.

Podemos verificar que o jogo é muito importante, pois além de nos proporcionar alegria e prazer nos permite refletir sobre nossas atitudes perante a vida direta ou indiretamente relacionadas.

De acordo com BROTTO, a ideia da aproximação do jogo com a vida numa representação do reflexo de um sobre outro é: "eu jogo do jeito que vivo e vivo do jeito que jogo" (BROTTO, 1999, p13).

Neste contexto o jogo estimula e provoca reações em nós, em nossos pensamentos, atos e atitudes que recorrem em nossa vida diária.

Outro autor a ser destacado é FRIEDMANN (1996), que, baseando-se nos estudos de Piaget, afirma que o jogo pode ser utilizado como forma de incentivar o desenvolvimento humano por meio de diferentes dimensões, que são:

- O desenvolvimento da linguagem: o jogo se torna um canal para expressão de sentimento e pensamentos;

- O desenvolvimento moral: pois se constitui de regras numa relação de confiança e respeito;

- O desenvolvimento cognitivo: dando acesso a um maior número de informações devido as diferentes situações;

- O desenvolvimento afetivo: facilitam a expressão de seus afetos e suas emoções na interação com outras pessoas;

- O desenvolvimento físico-motor: explorando o corpo e o espaço a fim de interagir no seu meio integralmente.

PIAGET (1982) afirma que o jogo não prepara o individuo somente para o agora, mas também o prepara para o amanhã, seja individualmente ou no convívio social lhe estabelecendo parâmetros de regras.

HUIZINGA (1996) apresenta duas definições para jogo, sendo na primeira o jogo como um elemento da cultura, retransmissor e ao mesmo tempo recriador, como função da cultura, do mais baixo ao mais alto grau. Já em sua segunda definição o autor tenta dar um sentido orgânico para

O jogo, falando de sua forma e emoções possíveis, sendo uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço. Segundo regras livremente consentidas e tornando-se obrigatórias, esta modalidade de jogo é dotada de um fim em si mesmo,

acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da "vida quotidiana".

CHATEAU (1987) na tentativa de explicar o "porque a criança gosta de jogar", diz que o jogo prepara para a vida séria, acreditando que a criança brinca e essa brincadeira contribui para o seu desenvolvimento futuro. "Pelo jogo, a criança desenvolve as possibilidades que emergem da sua estrutura particular, concretiza as potencialidades virtuais que afloram sucessivamente à superfície do seu ser, assimila-as e as desenvolve, une e as combina, coordena seu ser e lhes dá vigor" (CHATEAU, 1987, p.14).

Conforme BROTTO (2001) alguns povos ancestrais, como os Inuit (Alasca), Aborígenes (Austrália), Tasaday (África), Arapesh (nova Guiné), os índios norte americanos, brasileiros, entre outros, ainda praticam a vida cooperativamente por meio da dança, do jogo e outros rituais. Portanto, os Jogos Cooperativos, sempre existiram consciente ou inconscientemente.

Sua sistematização ocorreu a partir de vivências e experiências, na década de 1950 nos Estados Unidos. Desde então, estudos e programas expandiram-se para muitos países principalmente Canadá, Venezuela, Escócia e Austrália.

Um dos percursores dos Jogos Cooperativos é Terry Orlick, da Universidade de Ottawa no Canadá, que em 1978 publicou o livro "Winning Throught Cooperation" (Editado em português como "Vencendo a Competição") obra reconhecida mundialmente, como uma das principais fontes de inspiração e compreensão dos Jogos Cooperativos.

Segundo Terry Orlick, a diferença principal entre Jogos Cooperativos e Competitivos é que nos Jogos Cooperativos todo mundo coopera e todos ganham, pois tais jogos eliminam o medo e o sentimento de fracasso. Eles também reforçam a confiança em si mesmo, como uma pessoa digna e de valor.

A partir de 1980, iniciaram-se os primeiros passos para integrar os Jogos Cooperativos no Brasil, e podemos destacar Fábio Otuzi Brotto, como seu principal representante.

Os Jogos Cooperativos surgiram da preocupação com a excessiva valorização dada ao individualismo e à competição exacerbada, na sociedade moderna, mais especificamente, na cultura ocidental. Considerada como um valor natural e normal da sociedade humana, a competição tem sido adotada como uma regra em praticamente todos os setores da vida social.

Segundo LOPES (2000) os interesses estão ligados à visão de mundo de determinada classe e se perpetuam em suas ideologias, políticas e cultura.

Por meio dos Jogos Cooperativos são estimulados o respeito mútuo, a harmonia e a liberdade. Embora cada pessoa tenha sua individualidade, identificamos o auxilio um com o outro em um direcionamento visando um mesmo objetivo, lidando assim com as diversidades no decorrer das atividades que acabam por se complementarem.

Nos Jogos Cooperativos vemos a possibilidade de propor aos alunos ver a vida e a sociedade de outra forma, de uma forma não destrutiva, mostrando-lhes e permitindo que percebam outros caminhos para percorrer e não ficarem escravizados por ideias impostas. Permitir que refletissem sobre suas ações isoladas e em conjunto.

Para ROGERS (1982) a primeira implicação no domínio da educação poderia ser a de permitir ao aluno, seja em que nível do ensino for, estabelecer um real contato com os problemas importantes de sua existência, de modo a distinguir os problemas e as questões que pretende resolver. Os Jogos Cooperativos visam também que o aluno se prepare para sua vida exterior à escola, possibilitando nas aulas a prática de opções que poderá utilizar em sua vida.

Este ambiente cooperativo propicia ao aluno expor suas ideias, atitudes, pensamentos e ações em harmonia com os demais, permitindo reconhecer e aprimorar seus dons e habilidades, não mais pela competição com o outro, mas pela troca mútua de cultura entre dois seres. Não mais estarão a competir para ver quem é o melhor do que o outro, mas utilizando-se daquilo em que se é bom com aquilo em que o outro também o é, complementam-se, respeitando seus limites e respeitando sua própria natureza, podendo seguir suas ideias e caminhos sem medo do que os outros irão pensar ou medo de não ser o que a sociedade espera, pois saberá que aquilo que estiver fazendo de acordo consigo mesmo estará em constante harmonia com os demais seres humanos.

3. JOGOS COOPERATIVOS NO ENSINO MÉDIO – UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

A tarefa da Educação Física de unir a liberdade de expressão do movimento e o resultado educativo do exercício, o prazer de jogar e a situação escolar parecem ser de difícil solução.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação Básica deve assumir a tarefa de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando assim um cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. "A integração que possibilitará o usufruto da cultura corporal de movimento há de ser plena – é afetiva, social, cognitiva e motora. Vale dizer, é a integração de sua personalidade" (BETTI, 1992).

Segundo CSIKSZENTMIHALYI (1992), quando uma tarefa é realizada ludicamente, ocorre o estado de fluir, pois esta proporciona ao indivíduo mais alegria e satisfação.

Dessa forma, é necessário que haja um ambiente de descontração e alegria para que os indivíduos possam se sentir bem, jogar livremente e crescer pessoal e socialmente.

Os jogos em grupos são fundamentais para que os adolescentes possam interagir uns com os outros, fundamentais para interação social, construção do conhecimento e desenvolvimento individual e social dos educandos.

Assim, as atividades feitas ludicamente têm o poder de fornecer as pessoas que as praticam alegria, emoção e satisfação. Essa ideia é defendida por CSIKSZENTMIHALYI:

A qualidade da experiência de pessoas que tratam de maneira lúdica as oportunidades a seu redor e as transformam, é nitidamente mais desenvolvida, e mais agradável, do que a daquelas que se resignam a viver dentro dos limites de uma realidade estéril que consideram impossível de ser modificada. (CSIKSZENTMIHALY, 1992, p. 214)

É tarefa da Educação Física é preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível, conduzindo o educando a descobrir motivos e sentidos nas práticas corporais, favorecendo o desenvolvimento de atitudes positivas.

No Ensino Médio a atividade física cede espaço para outros núcleos de interesse do educando como sexualidade, trabalho, vestibular, e outras dimensões da existência. Assim, a Educação Física no Ensino Médio deve propiciar o atendimento desses novos interesses, atualizando-se e adaptando-se, e não reproduzir simplesmente o modelo anterior, ou seja, repetir o mesmo conteúdo do programa de Educação Física dos últimos quatro anos do Ensino Fundamental de um modo mais aprofundado, devendo também apresentar características inovadoras que considerem a nova fase cognitiva e afetiva social atingida pelos adolescentes.

Pode-se proporcionar aos educandos usufruir de sua cultura por meio de práticas que eles possam identificar como significativas para si, considerando que a capacidade de análise e de crítica já presente nessa faixa etária permite aos educadores uma abordagem mais complexa de aspectos teóricos. A aquisição de tal conjunto de conhecimentos deverá ocorrer na vivência de atividades corporais com objetivos vinculados ao lazer, saúde/bem-estar e competição esportiva.

Os Jogos Cooperativos estimulam a transmissão de uma nova visão para desfrutar a vida, observando-se que muitas vezes ao invés de competir se pode cooperar, o que resulta em um estresse muito menor, tornando também a atividade mais prazerosa, por não haver exigência de competição e ícones a se alcançar. Trata-se de uma atividade mais lúdica, possibilitando assim que haja um maior interesse em suas práticas no decorrer de suas vidas.

Por intermédio destes jogos pode-se preparar o ambiente para que os alunos se sintam mais confiantes e seguros para falarem de si ou de qualquer outro assunto de sua curiosidade e interesse. Conforme os PCNs (2010) a formação de autocuidado e de construção de relações interpessoais colaboram para que a dimensão da sexualidade, por exemplo, seja integrada de maneira prazerosa e segura.

Utilizando-se os Jogos Cooperativos conseguimos “quebrar” paradigmas impostos pela sociedade e que hoje se encontram quase enraizados na cultura, como a constante procura pelo corpo ideal, pois é possível que o aluno perceba seu corpo, suas emoções e sentimentos, e que não há nada de errado em ser como é, e que aquilo que se prega como ideal para um corpo, por exemplo, pode não ser o ideal para ele, observando que o ideal varia de pessoal para pessoa não havendo um padrão a ser seguido. Com isso nota-se um aumento em seu confiança, em seu autoestima, em sua vontade de viver e em sua motivação, pois não há conflitos internos entre o que ele é e o que ele deveria ser.

Temas como discriminação sexual ou racial são discutidos na prática nos Jogos Cooperativos, pois todos independente de raça, sexo ou credo podem fazer parte de um mesmo grupo com um objetivo em comum, tendo que se auxiliarem em grupo para o consegui-lo.

Claro que não se trata de uma tarefa fácil numa sociedade em que a todo o momento se busca vencer a todo custo e que aquele que tem mais é visto como o melhor, mas se puderem perceber que independente da quantidade se não houver qualidade de nada adiantará talvez as coisas comecem a mudar. Então pode-se utilizar os Jogos Cooperativos não como atividade físicas específicas e dissociadas das demais, mais sim como um enfoque, um modo de ver e vivenciar as experiências corporais. As atividades específicas tidas como Jogos Cooperativos nada mais são do que esta demonstração da mudança no enfoque na prática, mas nada impede que possamos, por exemplo, jogar vôlei cooperativamente.

Quando o indivíduo preza pela sua saúde e esta integrado a um grupo de referência com o qual compartilha atividades socioculturais e cujos valores não estimulam o consumo de droga, terá mais recursos para se evitar estes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Jogos Cooperativos poderiam ser agrupados entre os demais conteúdos do componente curricular da Educação Física, possibilitando abranger ainda mais as vivências pelos educandos e trabalhando-os de forma íntegra. Por Intermédio dos

Jogos Cooperativos podemos trabalhar a cultura corporal mais facilmente, dentro de um esporte como o futebol, por exemplo, podemos construir jogos que não enfoquem a competição e o elitismo, mas atividades em que todos possam ser inclusos, por se respeitar a expressão corporal de cada um do seu próprio modo, auxiliando assim em sua formação psicológica, afetiva e social, evitando resistências e possibilitando o respeito consigo e com o próximo.

É vasto este assunto sobre os Jogos Cooperativos, ainda mais quando se trata de sua inclusão e utilização num tema tão amplo quanto à educação. A finalidade é definida como o fim último para o qual uma determinada atividade existe. Nesse sentido, a finalidade dos Jogos Cooperativos é contribuir para a educação integral, por meio da prática de atividades físicas racionais e variadas, de acordo com suas necessidades bio-psico-fisiológicas, ou seja, o desenvolvimento, em seu grau mais elevado, das potencialidades da criança nos planos físico, mental e social.

A cooperação gera novas motivações, novas atitudes, novos valores e capacidades. Se a nossa qualidade de vida futura e talvez até a sobrevivência depender da cooperação, todos perceberemos que caso não estivermos aptos a cooperar, ajudarmos uns aos outros, a sermos abertos e honestos, a nos preocuparmos com os outros, com as nossas gerações futuras, talvez possa não haver um futuro. Quando as pessoas se desenvolvem em meio a uma cooperação genuína, passam a gostar, a apreciar e a partilhar com as outras, sabendo que cada uma tem um papel importante a desempenhar. Essa preocupação sincera com o próximo, que advêm de empreendimentos cooperativos é essencial para a alta qualidade de vida.

No entanto, se estivermos realmente interessados na sobrevivência e numa qualidade de vida melhor, devemos a enfatizar a cooperação, seja nos jogos ou fora deles. Até porque não a como se tirar as competições totalmente de nossas vidas, ainda mais quando se trata de uma cultura capitalista, não podemos enganar nossos educandos que o seu dia a dia será não competitivo, mas podemos prepara-lo para estar num mundo competitivo com uma visão mais ampla sobre os caminhos que pode escolher seguir e que ha outras maneiras de se fazer as coisas que muitas vezes são mais harmoniosas e benéficas a todos.

Dessa forma os Jogos Cooperativos podem ser um instrumento de grande auxílio para a socialização dos educandos e para o processo ensino/aprendizagem, pois, possuem um grande potencial de ludicidade e estimulação a uma maior participação e interação dos indivíduos em atividades em grupo. A Educação Física, então, possui um papel muito importante que é o de buscar novas formas de jogar e passar para os educandos uma nova visão de vida em sociedade e formas de jogos diferentes das conhecidas e praticadas atualmente. Os jogos na Educação Física, devem buscar a estimulação da cooperação entre os educandos, a criatividade, o respeito mútuo e o desenvolvimento da autoestima e sensibilidade, facilitando o processo humanista de ensino/aprendizagem e colaborando com a formação de seres humanos mais íntegros, equilibrados e felizes.

Por fim, trabalhar com os Jogos Cooperativos é ter uma ferramenta a mais que abre um leque de modo que se possa utilizá-lo tanto só (como uma disciplina avulsa) como agregado a outras disciplinas. Como é vasta a diversidade de atividades inclusas dentro destes jogos, torna-se um estimulador à participação dos alunos nas aulas e de valores sociais como trabalho em equipe, respeito, solidariedade entre outros.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B., FURTADO O., TEIXEIRA, M. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia. 14 ed. São Paulo, E. Saraiva, 2008.

BRASIL, Constituição Federal. (1988); 17ª ed. Brasília: Senado Federal, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 2010.

BORSARI, José Roberto; JORDANO, Ivo; BON, Thales; ROSE, Dante de Jr. Educação física da pré-escola à universidade: Planejamento, programas e conteúdos. São Paulo: EPU, 1980.

BROTO, Fabio Otuzi. Circulando cooperação: Exercitando a Paz-Ciência da Cooperação. Santos: Projeto Cooperação, 2003.

_____. Jogos cooperativos: O Jogo e o Esporte como um Exercício de Convivência. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

_____. Jogos cooperativos: Se o Importante é Competir, o Fundamental é Cooperar! 6ª ed. Santos: Projeto Cooperação, 2001.

CARDOSO, Joel. Reiki Harmonia Universal. editora Tipo. 2001

COLLI, Anita S - A consulta do adolescente. In Marques, E. Pediatria básica.

8ª Ed., Savier, São Paulo, 1991.

CSIKSZENTMIHALYI, M. A Psicologia da Felicidade. São Paulo: Saraiva, 1992.

DEACOVE, Jim. Manual dos Jogos Cooperativos: "Joguem uns COM os outros e não uns CONTRA os outros"; trad. Andréia de Faria. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

EMERIQUE, P. S. Estruturas Grupais e suas Implicações numa Situação de Jogo com Regras. São Paulo, USP, 1981 (Tese de Mestrado).

ENDERLE, Carmen. Psicologia do Desenvolvimento: o processo evolutivo das crianças. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FARINATTI, Paulo de Tarso Veras. Criança e atividade física. Rio de Janeiro:

Sprint, 1995.

FADIMAN, J.; FRAGER, R. Teorias da Personalidade. Rio de Janeiro: Harper & Row do Brasil, 1979.

FERREIRA, Solange L. et. al. Recreação: Jogos, 4ª ed., Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

FILHO, Castellani Lino; (ORG.). Metodologia do ensino de Educação Física.

São Paulo: Cortez, 1992.

FRIEDMANN, Adriana. Brincar: crescer e aprender o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

GALLARDO, Jorge Sergio Pérez; OLIVEIRA, Amauri A. Bassoli de; ARAVENA, César Jaime Oliva. Didática de Educação Física: A criança em movimento: jogo, prazer e transformação. São Paulo, FTD, 1998.

HERBERT, Martin. Convivendo com adolescentes. Trad. José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HERNANDEZ, Fernando, Transgressão e mudança na educação. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HILL, John C. O Ensino e o Inconsciente. Imago Editora Ltda. Rio de Janeiro, 1974.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LE BOUCH, Jean. Educação Psicomotora: psicocinética na idade escolar. Trad. De Jeni Wolff. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LOPES, Regina Pereira. Pedagogia e Emancipação Humana. Editora Olho D'Água. São Paulo. 2000.

LOPES, Maria da Glória. Jogos na educação: criar, fazer, jogar. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. São Paulo. Editora Cortez. 1994

MARCONDES, E. et.al – Crescimento e Desenvolvimento Pubertário em Crianças e Adolescentes Brasileiros. I. Metodologia. São Paulo, Editora Brasileira de Ciências, 1982.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

MEDINA, João Paulo Subirá. A educação física cuida do corpo... e "mente". 12ª ed. Campinas (SP): Papirus, 2007.

ORLICK, Terry. Libres para Cooperar, Libres para Crear. Barcelona: Paidotribo, 1987.

_____. Vencendo a competição. Trad. Fernando José Guimarães Martins. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PERRENOUD, Philippe. Pedagogia Diferenciada: Das intenções à ação.

Porto Alegre, Artmed, 2000.

_____. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERRENOUD, Philippe et. al. As competências para ensinar no século XXI.

Porto Alegre: Artmed, 2007.

PIAGET, Jean. Biologia e Conhecimento. Ensaios sobre as Relações entre as Regulações Orgânicas e os Processos Cognitivos. Petrópolis:. Vozes, 1973.

_____. O nascimento da inteligência na criança. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

_____. Psicologia da Inteligência. 2ª ed.Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O Processo Grupal. Trad. Marco Aurélio

Fernandes Velloso. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROGERS, Carl Ransom. Tornar-se Pessoa. 6 ed. São Paulo, Martins Fontes. 1982.

SILVA, Teresinha Maria Nelli. A construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador. Editora Pedagogica e Universitaria. São Paulo. 1990.

SÃO PAULO (Estado). Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física. São Paulo: SEE, 2008.

_____. Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área Alice Vieira – 2 ed. – São Paulo: SE, 2012.

SPERB, Dalilla C. Problemas gerais do currículo. 2 ed. Porto Alegre. Editora Globo. 1972.

TYLER, Ralph Winfred. Princípios básicos de currículo e ensino. Trad. Leonel Vallandro. 5ª ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

TOLLE, Eckhart. O Despertar de uma nova consciência. Rio de Janeiro. Editora Sextante. 2007.

YOZO, Ronaldo Yudi K.; 100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas; São Paulo; Ágora, 1996.